

1

Introdução

“Os críticos achavam a minha linguagem pobre. O que eles queriam era a eloquência, a sublitteratura, enquanto eu partia para a palavra viva, ainda suada de vida, suada de rua, suada de cotidiano, suada de paixão.”

Nelson Rodrigues

Há cerca de quatro anos, quando optamos decisivamente pelo mergulho no universo de Nelson Rodrigues, visando à produção do presente trabalho, pensávamos, de início, em dedicar-nos exclusivamente à parcela de sua produção em prosa romanesca e/ou memorialística, um tema que ainda não havia merecido a devida atenção do meio acadêmico, que, de modo geral, vem preferindo se dedicar às questões que envolvem a produção dramática do autor. No entanto, com o passar do tempo, fomos nos deparando com certas questões que fizeram com que ampliássemos o nosso horizonte de idéias.

A primeira e mais importante foi a percepção de que o universo rodrigueano possui uma unidade lingüística que vai além da subdivisão por gêneros. Por trás de qualquer divisão, seja de ordem hierárquica ou formal, subsiste em todos os seus textos uma língua, um dialeto próprio, que permanecerá praticamente inalterado, revelando, até certo ponto, sua independência com relação a questões de gênero. É claro que podemos observar algumas mudanças formais na passagem de gêneros, mas são bastante pontuais a ponto de não interferirem na unidade deste dialeto. Tomando como exemplo as relações formais entre os textos em prosa e os textos dramáticos do autor, chegamos à conclusão de que a língua é praticamente a mesma, salvo certas diferenças de extensão. Enquanto o texto teatral é mais enxuto, o texto em prosa romanesca, por suas características intrínsecas, dá ao autor a possibilidade de realizar uma escrita mais livre, “ao

correr da pena”. Entretanto, os temas, personagens, expressões serão exatamente os mesmos, tal qual o modo como a linguagem é articulada.

Partindo destas primeiras conclusões, decidimos nos dedicar a refletir sobre a construção deste dialeto autoral, seguindo por um caminho que abrangerá a totalidade dos gêneros a que Nelson se dedicou em vida. Esta decisão acabou concedendo ao trabalho um aspecto panorâmico, característica que o difere, em forma, extensão, e conteúdo, da maioria das dissertações da área, que geralmente se apresentam como um recorte fechado sobre determinado aspecto particular do objeto pesquisado. No caso presente, o “dialeto” será apenas o ponto de partida para uma série de reflexões que se abrem para muitas outras questões presentes no universo rodrigueano. Também é importante ressaltar que as reflexões aqui empreendidas não seguem, de modo geral, pelo viés da análise lingüística ou estilística, e sim em direção aos elementos literários que constituem o dialeto rodrigueano.

Assim, qual seria o elemento literário que nos chama mais destacadamente a atenção num primeiro contato com esse dialeto? Em nosso ponto-de-vista, esse elemento consiste na presença de uma *persona* (Lima, 1991) ficcional subscrita aos textos, que pode ser facilmente constatada por qualquer leitor iniciante com o mínimo de condições interpretativas. Esta *persona* polifônica marcará presença constante na obra de Nelson, dialogando, em diversos níveis, com toda sorte de questões contemporâneas ao autor e também com suas próprias criações ficcionais, entre personagens e temas. É claro que a construção desta *persona* está intimamente relacionada à imagem de homem polêmico e de personalidade forte que Nelson deixou ao público. Todavia, ao longo do trabalho, observaremos como essa auto-imagem não representa a *persona* inteiriça, mas apenas uma das facetas desta, de modo que o “personagem” Nelson Rodrigues surge como apenas um entre os múltiplos papéis que o autor interpretaria em sua trajetória.

De posse destas evidências, decidimos centrar o primeiro capítulo da dissertação em algumas reflexões acerca da construção dessa *persona* ficcional, tomando como base o conceito teórico elaborado por Luiz da Costa Lima. Através desse encadeamento, o leitor poderá tomar contato com alguns dos principais papéis interpretados pela *persona* rodrigueana, observando também como esta articula o seu diálogo com os mais diversos temas e questões presentes no universo do autor.

No segundo capítulo passamos à análise de outro elemento essencial e indissociável do dialeto rodrigueano: a influência que a linguagem jornalística exerce na construção deste. Os motivos que nos levaram a reservar um capítulo exclusivo à produção jornalística de Nelson são principalmente dois. Em primeiro lugar, pesa o fato de que o ofício de jornalista foi exercido por Nelson durante 55 anos ininterruptos, o que resulta numa produção textual bastante extensa, que supera, em termos numéricos, a soma de todos os textos que o autor produziria em outros campos. Em segundo lugar, pesa a constatação de que o tema não vem recebendo a devida atenção por parte dos pesquisadores acadêmicos, que continuam considerando a produção jornalística de Nelson como um elemento secundário em seu universo.

No decorrer do capítulo, analisaremos, brevemente, todos os gêneros aos quais Nelson se dedicou em seu ofício de jornalista: a reportagem policial, as crônicas, os romances em folhetim e os contos de *A vida como ela é*, relacionando-os, sempre que possível, a outros campos de sua obra, o que nos proporcionará uma consistente base reflexiva acerca da contribuição da linguagem jornalística no processo de elaboração do dialeto rodrigueano.

O terceiro e último capítulo caminha em direção à área de Literatura Comparada, tendo como eixo temático as relações intertextuais entre a obra de Nelson e a tradição cultural do Ocidente. Através dessas relações comparativas, será possível localizarmos as principais vozes da tradição ocidental com que a *persona* rodrigueana dialoga, o que nos permitirá observar como o autor se utiliza dessa série intertextual para a construção de seu dialeto. É importante ressaltar que o estabelecimento das “vozes” dialógicas não segue qualquer tipo de padrão pré-concebido, de modo que estas poderão aparecer sob múltiplas formas, das quais as principais são: gêneros (tragédia grega, discurso bíblico), autores (Shakespeare, Dostoiévski), correntes literárias e filosóficas (Naturalismo, Jansenismo) e períodos históricos (Idade Média, Modernidade).

A complexidade e extensão do tema que norteia este capítulo acabam por lhe conferir um caráter hipertextual, que se revela, entre outros aspectos, no tamanho diferenciado em comparação aos capítulos anteriores. A opção de dividir o texto em subtítulos temáticos também está relacionada com essa característica, no sentido de que proporciona ao leitor a sensação de estar se deparando com vários capítulos distintos englobados em torno de um eixo central.

O trabalho, como um todo, possui uma estrutura circular concêntrica, ou espiralar, visto que, ao longo de seu desenvolvimento, vai se abrindo para múltiplas possibilidades interpretativas. Assim, os pequenos círculos, representados por questões pontuais, vão sendo superpostos por círculos maiores, numa progressão que tenderá sempre à abertura, como é possível observar pelo próprio encadeamento dos capítulos. Esse tipo de estrutura também permite que determinadas questões, volta e meia, retornem em níveis de interpretação mais profundos. Por exemplo, o conceito de *persona* ficcional, trabalhado no primeiro capítulo, reaparece em diversos momentos, principalmente no terceiro capítulo, onde multiplicamos as suas possibilidades de utilização. As questões de intertextualidade também serão submetidas ao mesmo procedimento, ganhando profundidade à medida que vão sendo desenvolvidas no trabalho.

No mais, só o que temos a dizer no momento são nossos votos de boa leitura. Aproveitem a viagem.